

ALAN SWINGEWOOD: OS LIMITES DA CRÍTICA

Antonio Albino Canelas Rubim

(Professor da Universidade Federal da
Parafba)

O autor deste artigo afirma que não pretende discutir na profundidade necessária, as teorias de Adorno e Horkheimer, mas apenas os limites da crítica de Swingewood, expostas em seu livro **O Mito da Cultura de Massa**. Algumas questões são propostas ao final como temas para reflexão. A afirmação do caráter democrático da cultura burguesa implica o esquecimento de sua crivagem ideológica ? Só a universalização da cultura burguesa basta ao socialismo ?

Alguns livros merecem ser debatidos mais pelas suas repercussões e usos, devidos ou indevidos, que pelo seu conteúdo imanente. Este é o caso do livro de Alan Swingewood **O Mito da Cultura de Massa**.¹ No Brasil, tal texto tem servido de suporte especialmente para "alimentar" determinadas críticas aos teóricos da Escola de Frankfurt, isto talvez porque Swingewood se propõe debater a questão da "cultura de massa" de um ponto de vista marxista. Entretanto, suas críticas estão carregadas de simplificações, em particular, quando expõem as formulações dos autores aos quais critica.

Fica difícil, por exemplo, acreditar que um autor que escreve: "todo ello no es explicable, ante todo, a partir de lo que ha acontecido últimamente ni, por cierto, con la expresión tópica de sociedad de masas, **que en ningún caso explica nada**, sino que señala simplemente un punto ciego al que debería aplicarse el trabajo del conocimiento"² (grifo meu), possa, sem mais e **sem argumentações explícitas**, ser incluído como teórico da sociedade de massas e da cultura de massas, termo aliás, como se sabe, rejeitado explicitamente por Adorno e Horkheimer.³ É claro que não pretendo neste espaço/resenha discutir na profundidade necessária as teorias de Adorno e Horkheimer, mas apenas indicar os limites da crítica

de Swingewood, aliás quase nunca desenvolvida satisfatoriamente. E estes limites estão presentes em inúmeros momentos do livro.

Por exemplo, na página 90, Swingewood escreve: “Em geral a abordagem metodológica da teoria da cultura de massa é enfatizar o consumo e não a produção...”. Ora não é este o caso dos frankfurtianos: a utilização do termo “indústria cultural”, ainda que com as restrições, a noção de “indústria” feitas por Adorno⁴, aponta para o momento da produção. Difícil sugerir ponto mais essencial no pensamento de Adorno (e Horkheimer) que o conflito imanente na “indústria cultural” entre a lógica específica da produção cultural e a tendência de implantação/desenvolvimento/dominação da lógica do equivalente, da lógica da mercadoria na produção de bens simbólicos. E parece cristalino que tal conflito constitutivo situa-se na esfera da produção, num primeiro momento.

Ainda com relação aos frankfurtianos: determinados tipos de comparação/contraposição entre autores englobados genericamente na Escola de Frankfurt como Walter Benjamin e Adorno/Horkheimer ficam indiscutivelmente comprometidos se não se explicita rigorosamente as angulações diferenciadas. Enquanto Walter Benjamin busca ver como a reprodução técnica (ou seja, as novas tecnologias pensadas, no limite, como “separadas” do capitalismo ou de sua utilização capitalista) afeta os bens culturais, sua estética etc. e a partir daí quais as perspectivas da obra de arte e de sua democratização⁵; Adorno (e Horkheimer) enfatizam justo o outro lado da moeda, por assim dizer. Isto é: como já foi dito, o cerne do pensamento destes dois autores é o conflito e a imposição da lógica do equivalente sobre a lógica específica da produção cultural. Melhor dizendo, sua preocupação volta-se à produção e reprodução capitalistas dos bens culturais. Sem ter na devida conta esta diversidade de angulação, não se pode extrair rigorosamente as conseqüências de tal comparação. Entretanto, o autor faz tal comparação sem levar em conta esta diversidade de angulação.⁶

Mas não só os frankfurtianos sofrem nas mãos de Swingewood, também sofrem os “estruturalistas”. Estes (em particular Althusser e Poulantzas), apesar de conceberem a ideologia sempre e necessariamente como deformação, em hipótese alguma aceitariam identificá-la com a noção de “falsa consciência” (ou “consciência falsa”) como indica o autor no trecho titulado “Ideologia e Falsa Consciência: Althusser e Poulantzas” (página 67 e seguintes).⁷ Althusser chega mesmo a negar a utilização da noção “consciência”: “Convencionou-se dizer que a ideologia pertence à região ‘consciência’ (...) Na verdade, a ideologia pouco tem a ver com a ‘consciência’ supondo-se que este termo tenha um sentido unívoco (...) Ela é profundamente ‘inconsciente’ mesmo quando se apresenta (...) refletida. A ideologia é, antes de tudo, um sistema de

representações, mas essas representações no mais das vezes nada tem a ver com a 'consciência'".⁸ Já Poulantzas nega explicitamente a identificação ideologia igual à falsa consciência no seguinte trecho: "O que quer dizer que as ideologias se reportam, em última análise ao vivido humano, sem se encontrarem, por isso reduzidas à uma problemática do sujeito-consciência. Este imaginário social, com função prático social real, não é de modo algum redutível à problemática da alienação, à da falsa consciência". E logo acrescenta: "Segue-se por um lado, que a ideologia (...) é necessariamente falseada...".⁹ Entretanto, mesmo sem levar em conta tais trechos, a identificação ideologia/falsa consciência e suas conseqüências (articulação delas com noções do tipo consciência, sujeito etc.) é inadmissível nos limites "anti-historicistas" de Althusser e Poulantzas. Swingewood (p. 69) indica parcialmente a posição "anti-historicista" destes autores, mas não consegue articular esta posição com a negação da problemática "historicista" da falsa consciência. Daí que mais uma vez incorre numa interpretação simplificadora e em "assimilações" apressadas.

Como o espaço é finito, deixo de lado outros autores cujas interpretações parecem ser, de forma idêntica, questionáveis (por exemplo: as observações sobre Raymond Williams na página 37) e passo ao debate dos pontos de vista centrais do autor.

Para começo de conversa, penso que existe certa ambigüidade no autor (será a tradução?) com relação ao estatuto real ou ideológico da cultura de massas. Na página 27, Swingewood fala em "uma verdadeira cultura de massas". Na página 79 diz que: "Este capítulo explorará a relação entre as instituições democráticas do capitalismo e a inevitabilidade de uma cultura de massa uniforme". Dez páginas adiante escreve: "...àquilo que é hoje chamado de cultura de massa." E ainda nesta página: "Portanto, se existe uma cultura de massa...". Todos estes trechos e alguns outros parecem indicar a cultura de massas como uma coisa real.

Mas esta impressão parece desfazer-se na página 98, quando o autor afirma: "Não existe cultura de massa ou sociedade de massa; mas existe uma ideologia da cultura e da sociedade de massa". Um pouco antes no texto, Swingewood buscava clarear a relação entre cultura de massas e realidade: "A teoria da cultura de massa está, então, historicamente ligada ao desenvolvimento de instituições políticas e sociais fortes da classe operária dentro da estrutura de uma formação capitalista madura. A verdadeira democratização da cultura que se verificou no capitalismo moderno, trabalhou no sentido de enfraquecer as bases tradicionais de legitimidade e de substituí-las pelos mitos seculares das massas e da cultura de massa". A "resolução" da ambigüidade cultura de massa coisa real, no entanto, permite aflorar uma nova ambigüidade do autor. Agora a questão é o estatuto ideológico ou científico da noção. E esta se resolve (será novamente a tradução?) com o seguinte trecho algo enigmático: "O

conceito de cultura de massa é, então, igualitário em sua ideologia, muito embora, como conceito genuinamente científico, seja estático e a-histórico". (p. 99).

Para além dos enigmas, é a distinção entre cultura de massas e cultura potencialmente democrática que se constitui em um dos pontos nevrálgicos para entender as propostas do autor. Ainda na página 99 ele diz: "A análise de Simmel reflete bem a distinção essencial entre a democratização da cultura e uma cultura de massa: aquela implica tanto o desenvolvimento de instituições independentes na sociedade civil quanto através delas, nas atividades práticas e no envolvimento das "massas", já que os caminhos para a participação não foram bloqueados, e que ainda se pode introduzir uma mudança social por pressão popular. Entretanto, uma cultura de massa exige uma adaptação passiva à sociedade existente e uma rejeição de todas as formas de atividade no sentido de se conseguir a mudança social: enquanto a democratização da cultura dá oportunidade para o reformismo político (...) o conceito de cultura de massa aniquila até mesmo a prática reformista como uma expressão organizada da classe operária...".

Tal distinção está na base da proposta, desenvolvida pelo autor, de uma democratização da cultura ocorrida sob o capitalismo.¹⁰ Esta cultura democrática por sua vez, articula-se com dois processos também inter-relacionados e de raiz gramsciana: o fortalecimento (necessário e inevitável segundo o autor) da sociedade civil¹¹ e o aumento de importância da hegemonia na manutenção da sociedade de classes¹².

Ao delinear este caminho o autor tem inegavelmente algumas formulações genericamente precisas. Por exemplo: suas críticas à teoria da integração da classe operária ou mesmo a afirmação do processo de uma valorização histórica da luta pela hegemonia e de um histórico fortalecimento da sociedade civil. Entretanto, e isto é fundamental, Swingewood não dá a devida atenção (e interpretação) às contradições históricas existentes na sociedade capitalista a tais processos.

Esta visão unilateral certamente explica o não aprofundamento de uma relação essencial para a argumentação do autor como o é a articulação histórica do desenvolvimento econômico capitalista e o fortalecimento da sociedade civil. O mais simplório mecanicismo/determinismo quase sempre resolve e dá conta desta relação essencial para a construção do discurso de Swingewood. Também com respeito à questão da hegemonia o autor não avança nada às formulações de Gramsci e sequer problematiza a importante presença dos meios de produção simbólica hoje na sociedade capitalista e, especialmente, suas implicações e alterações mesmo sobre a luta pela hegemonia.¹³

A tendência acentuada de Swingewood a não-problematização destes complexos e contraditórios processos, talvez explique a aversão acrítica a autores que se situam na sua contramão, como, por exemplo, acontece com os frankfurtianos. É claro que o autor de **O Mito da Cultura de Massa** percebe o sentido contrário das formulações de Adorno e Horkheimer com relação a aquelas de Gramsci¹⁴, mas não busca, pela contraposição destes autores, dar conta de toda a complexidade dos processos que estuda, antes simplifica e, em bloco, rejeita as idéias e os problemas levantados por Adorno e Horkheimer, os quais me parecem básicos para o desvendamento integral da contraditoriedade destes processos.

Daí que também as contratendências a estes processos e, em particular, à democratização da cultura só possam ser vistas por Swingewood de forma pontual, esporádica, desarticulada e quase sempre sem maiores explicações.¹⁵

Na ausência de um pensamento totalizante, onde as contradições sejam efetivamente colocadas, compreendidas, resolvidas (se for o caso) e (re) colocadas num novo patamar. Na ausência disto as contraposições parecem ambigüidades, já que têm como base elementos fragmentados e, em si, aparentemente excludentes e a resolução destas contraposições só pode parecer abstrata, formal: sem grandes explicações o socialismo aparece como o realizador da "rica" promessa da cultura democrática capitalista.¹⁶ Assim, com a negativa do autor sobre a possibilidade de uma cultura proletária contrária à burguesia¹⁷, colocam-se as seguintes questões: a afirmação do caráter democrático da cultura burguesa implica o esquecimento de sua crivagem ideológica? Só a universalização da cultura burguesa basta ao socialismo? E a luta de classes ao nível ideológico fica mais uma vez adiada para depois da "revolução" ou fica soterrada uma vez mais pelo reformismo "realista"?

Notas e Referências Bibliográficas

- (1) SWINGEWOOD, Alan. "O Mito da cultura de Massa". Rio de Janeiro, Interciência, 1978.
- (2) ADORNO, Theodor. "Teoria de la pseudocultura". In: Max sociologia. Madrid, Taurus, 1971. p. 234.
- (3) ADORNO, Theodor. "A Indústria cultural". In: Comunicação e Indústria Cultural. São Paulo, Edusp/Nacional, 1972. p. 287.
- (4) ADORNO, Theodor. ob. cit. p. 290.
- (5) BENJAMIN, Walter. "A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica". In: Teoria da cultura de massas. Rio de Janeiro, Saga, 1969.
- (6) SWINGEWOOD, A. ob. cit. p. 14 (por exemplo).
- (7) Também na página 65, o autor escreve: "Miliband e Althusser seguem a Escola de Frankfurt, identificando a ideologia com uma falsa consciência..."
- (8) COHN, Gabriel. "Sociologia da Comunicação: teoria e ideologia". São Paulo, Pioneira, 1973. p. 144.
- (9) POULANTZAS, Nicos. Poder político e classes sociais. São Paulo, Martins Fontes, 1977. p. 201.

(10) Na página 77, Swingewood escreve: "... a verdadeira democratização da cultura que vem caracterizando os capitalismo do século XX". Ver também as páginas 90, 98 (trecho já citado) e 101. Na página 87, o autor fala de uma cultura democrática burguesa e de uma cultura comercial, mas considera ambas como "... parte do processo de democratização da cultura..." e durante o resto do texto esquece estas tendências, enfatizando apenas o princípio geral da democratização burguesa da cultura.

(11) Na página 3, Swingewood diz: "à medida que o capitalismo reforça a esfera da dominação direta, cria, necessariamente, a base de uma sociedade civil poderosa." Na página 71 está escrito: "... a sociedade civil é mais forte hoje do que em qualquer ocasião passada...". Um pouco adiante, na página 76, encontra-se a seguinte formulação: "como classe, a burguesia foi obrigada a revolucionar o modo de produção e, com ele, todas as práticas sociais e culturais; em busca da dominação política, a burguesia construiu uma sociedade civil forte onde floresceram as instituições da classe operária."

(12) Ver página 34 e, em particular, este elucidativo trecho encontrado na página 65: "De todas as classes dominantes da história, a burguesia é a única que fortalece a sociedade civil e luta para reforçar seu domínio, não pela força, mas pelo consentimento e pela hegemonia."

(13) Penso, por exemplo, que o caráter imediato da relação hegemonia/intelectuais se torna bastante complexa e mediatizada com o desenvolvimento capitalista dos meios de produção e circulação simbólica.

(14) Ver SWINGEWOOD, A. ob. cit. p. 14 e 66.

(15) Na página 90, para exemplificar, aparecem as seguintes formulações: "As principais tendências da cultura burguesa democrática se desenvolvem de maneira contraditória e complexa no curso do século XX." Um pouco adiante: "Todavia, embora a cultura capitalista não tenha estagnado (ou 'declinado') a universalidade potencial da cultura democrática burguesa continua a não ser atingida". E já no final da página: "Estas são sérias limitações de natureza da cultura democrática, mas, com o desenvolvimento da reprodução mecânica em larga escala, a cultura ficou mais democratizada..." Duas páginas a seguir, ainda a título de exemplo, pode-se ler: "Do ponto de vista da cultura de produção capitalista, a cultura não é democratizada; comercializada em massa e periodicamente avaliada pelas últimas técnicas de pesquisa de mercado, ela é o eco de ideologias antidemocráticas e da preocupação com o "status quo".

(16) A resolução da questão da democratização da cultura pode ser sintetizada nas seguintes palavras do autor: "O ideal de uma cultura democrática universal baseada na participação ativa de todos os estratos sociais é incompatível com o capitalismo, uma vez que, como forma de dominação, ela se assenta na crença no governo de elites cuja sabedoria superior subjugam as 'massas passivas'". E conclui: "Para que a promessa rica da cultura democrática capitalista seja cumprida, terá que ser sob a égide do modo socialista de produção e com uma sociedade civil progressista, da qual flua organicamente a legitimidade, com suas bases assentadas não sobre o mito de massas, mas na realidade histórica da participação plena, democrática". SWINGEWOOD, A. ob. cit. p. 96.

(17) SWINGEWOOD, A. ob. cit. p. 34.